

## *Nelson Rodrigues: nem santo, nem canalha*

Marcos Alvito\*

FACINA, Adriana. *Santos e Canalhas. Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

Quem tem medo de Nelson Rodrigues? Teatrólogo de início saudado como genial e logo contestado, repórter apaixonado por futebol, feroz polemista reacionário e anti-comunista, cronista da vida carioca, sobretudo do subúrbio, Nelson Rodrigues é uma esfinge a ser decifrada pelos que queiram entender a cena cultural brasileira de boa parte do século XX. Foi um dos nossos intelectuais mais conhecidos, um dos poucos cujas expressões caíram na boca do povo, desde as mais tranqüilas, como “óbvio ululante” ou “toda unanimidade é burra”, até as mais polêmicas e provocativas, veja-se “mulher gosta de apañhar”.

Adriana Facina navega com maestria entre as águas turbulentas da produção rodriguiana, conseguindo conduzir sua análise de forma equilibrada e sutil. A principal dificuldade residia em tentar entender Nelson Rodrigues sem julgá-lo, fosse para recobri-lo com a aura do gênio, fosse para condená-lo por suas posições políticas durante a ditadura militar ou por sua visão acerca do movimento feminista ou do papel da juventude.

*Santos e Canalhas* abraça quase a totalidade da obra deste escritor obsessivo, que produziu dos 13 anos (quando estréia no jornal do pai) até a sua morte, 55 anos depois, ou seja, são analisadas peças teatrais, crônicas sobre futebol, contos, colunas diárias, consultório sentimental, artigos de opinião, cartas do autor, respondendo a seus críticos, além da vasta

---

\* Professor do Departamento de História da UFF.

Tempo, Rio de Janeiro, nº 17, pp. 223-226

bibliografia já existente acerca de Nelson Rodrigues. A autora realizou entrevistas, vasculhou arquivos televisivos, garimpou 40 periódicos (entre jornais e revistas), programas de peças e até um depoimento concedido por Nelson Rodrigues Filho ao Museu da Imagem e do Som. Deixou de lado – mas não totalmente – apenas os folhetins que Nelson assinou com o pseudônimo de Suzana Flag. A autora foge da armadilha biográfica, analisando a atuação pública de Nelson como artista e intelectual.

O livro começa com uma breve, mas esclarecedora introdução, de caráter mais teórico, em que a autora explica a adoção de uma perspectiva etnográfica da produção artística, entendida como uma “relativização da idéia do artista como gênio”. A metodologia a seguir, apoiada em Bourdieu, consiste em “reconstruir o campo no qual o artista e sua obra estavam inseridos” (p. 19). Segue Antônio Candido na proposta de relacionar a criação literária a seu contexto, sem reduzi-la a este, e propõe que a produção literária seja encarada não apenas como “fruto do mundo social”, mas também como tomando parte ativa na construção do mundo. Dá como exemplo o papel que escritores como Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio e também Nelson Rodrigues desempenharam na elaboração histórica da identidade carioca. Nesta perspectiva, estudar a obra de Nelson Rodrigues equivale a pesquisar “os intelectuais como uma categoria social detentora de um poder simbólico capaz de criar representações sobre a vida urbana que fundam um imaginário acerca da cidade, através do qual podemos entrever suas percepções da sociedade como um todo” (p. 24).

A proposta de Bourdieu é seguida à risca no primeiro capítulo, em que a autora reconstitui as inúmeras metamorfoses de Nelson Rodrigues no campo intelectual brasileiro, entre as décadas de 1940 e 1970. De início, mostra como o obscuro repórter futebolístico se transforma em autor teatral renovador e mesmo revolucionário a partir da encenação de *Vestido de Noiva*, em 1943, em pleno Estado Novo. Nelson chega a ser comparado por um importante crítico da época a Ibsen, Strindberg e Pirandello. Mas a lua-de-mel dura pouco e a sua peça seguinte (*Álbum de Família*) tem a encenação censurada e é atacada por alguns dos críticos e intelectuais que haviam incensado *Vestido de Noiva*. O dramaturgo Raymundo Magalhães Júnior, por exemplo, afirmava que “seus personagens são brutos eróticos, desenhados mais ou menos linearmente, de forma primária e grosseira; todos eles anormais, tarados, digamos mesmo monstruosos, chafurdando-se na degradação”.

Aqui começava uma das intermináveis polêmicas em torno da obra teatral de Nelson Rodrigues, que leva o autor a defender-se, propondo o “teatro desagradável”, isto é, sem compromisso de agradar à crítica ou ao grande público. Com sua verve inconfundível, põe mais lenha na fogueira dos que o condenavam a partir do caráter transgressor dos seus personagens:

Quando se trata de operar dramaticamente, não vejo em que o bom seja melhor do que o mau. Passo a sentir os tarados como seres maravilhosamente teatrais. E, no mesmo plano de validade dramática, os loucos varridos, os bêbedos, os criminosos de todos os matizes, os epiléticos, os santos, os futuros suicidas.

As peças seguintes em nada diminuíram o ardor da batalha de idéias travada em torno do teatro rodriguiano. Facina formula a hipótese de que Nelson Rodrigues tenha tentado construir para si uma identidade artística que oscila entre o tipo inconformista e o ingênuo ou primitivo (inclusive omitindo ou negando suas leituras anteriores, para se apresentar como um artista em estado bruto).

Já na década de 1950, graças à coluna diária *A vida como ela é...*, publicada no jornal *Última Hora*, Nelson irá transformar-se no que a autora intitula “O bardo dos subúrbios”. Para isto também vai contribuir uma inflexão da sua produção teatral na direção de uma temática de conteúdo carioca, com personagens que o próprio Nelson chamava de pequeno burgueses, sempre moradores da região da cidade que ele considerava mais autêntica: ao norte do Méier. A década de 1960, mesmo antes do golpe de 1964, é marcada, na trajetória de Nelson Rodrigues, pela dura polêmica com autores teatrais de esquerda, sobretudo com Oduvaldo Vianna Filho, o “Vianinha”, e que acabará por desembocar na construção de uma imagem pública de reacionário. Nesta primeira fase, o debate girava em torno de diferentes concepções artísticas, pois Nelson era inimigo declarado da proposta de uma arte engajada. Após o golpe militar – que ele apoiou amplamente na imprensa –, partiu para o ataque aberto à intelectualidade de esquerda, considerada por ele um *establishment* cultural a ser combatido. Por fim, Facina mostra como Nelson vai morrer no auge da popularidade, devido à produção cinematográfica baseada na sua obra, que vai ter, como momento apoteótico, um dos maiores sucessos do cinema brasileiro,

com Sônia Braga encarnando *A dama do loteação* (1978). Maldito sim, mas consagrado, ainda hoje: entre 1996 e 2001 houve 97 montagens de peças de Nelson Rodrigues.

O segundo capítulo mergulha no universo teatral do escritor, que constituiu a motivação inicial para o estudo de Adriana Facina. Aqui, a autora aproxima Nelson de Gilberto Freyre, a partir da temática da família e do parentesco, em termos de uma preocupação comum com o processo de modernização da sociedade brasileira, que redundou na destruição do modelo patriarcal. Diante do esfacelamento deste modelo, Nelson encena a crise da família, encarnada nos temas do incesto e da traição. Embora analisando tematicamente as peças, Facina tem sempre a preocupação de resumir toda a trama, para que o leitor possa acompanhar seu raciocínio.

“A cidade encenada” é o título do terceiro capítulo, em que se abordam “as representações da cidade presentes na obra rodriguiana”. A autora sublinha a oposição entre a Zona Sul e o subúrbio como uma crítica às transformações do mundo moderno, em que a Zona Norte representa o *locus* de sobrevivência de valores em extinção. Em termos relativos, a cidade do Rio de Janeiro como um todo estaria para São Paulo um, mesmo contexto de oposição entre a emoção e a razão, os valores familiares e o individualismo exacerbado, a existência de uma comunidade e a solidão da metrópole desumana.

O quarto capítulo trata das polêmicas com a esquerda, a que já nos referimos. Aqui, a autora move-se no terreno pantanoso do debate ideológico, sem nunca cair na tentação de pronunciar um vere-

dicto, sempre com um esforço de contextualização e compreensão do valor daquele embate à época em que foi travado.

O quinto e último capítulo, “Demônios interiores”, merece uma análise mais detida. É nele que a autora busca demonstrar a sua hipótese acerca da existência de uma antropologia rodriguiana, ou seja, que o pensamento de Nelson Rodrigues constitui “uma visão sobre a natureza humana”. Esta visão “oscila entre um profundo pessimismo e a busca de possibilidades de redenção”. A condição humana seria “permeada de uma ambigüidade trágica”, “formada por aspectos demoníacos e divinos, por instintos animais e sublimes, pelo mal e pelo bem” (p. 261). Nas palavras da autora (pp.15-16),

Para Nelson Rodrigues, todos os homens têm em si duas metades, uma ‘face linda’ e outra ‘face hedionda’, centauros parcialmente Deus e parcialmente Satã. As imagens que apareciam freqüentemente nos textos de Nelson representando essas duas metades dos seres humanos eram os santos e os canalhas. Os santos, além de bons e virtuosos, eram caracterizados pela renúncia aos instintos que Nelson considerava desumanizadores e por uma existência pautada em um forte sentido ético-moral. Já os canalhas eram seres amorais por excelência, que não reconheciam limites para a satisfação de seus desejos pessoais, assumindo uma posição relativista no que diz respeito aos valores éticos e morais reconhecidos pela sociedade.

Outro elemento importantíssimo nesta antropologia rodriguiana é a oposição entre a natureza masculina, mais

racional e, no entanto, menos capaz da redenção pelo amor, encontrada entre as mulheres, em que a emoção seria predominante. Amorais e inocentes, perversas e sentimentais, extremamente competitivas entre si (sobretudo quando irmãs), as personagens femininas de Nelson Rodrigues encarnam uma visão acerca da natureza da mulher, que será reafirmada nas respostas do escritor às leitoras do *Diário da Noite*, assinadas com o pseudônimo de Myrna, em 1949. Em uma delas, “Myrna” aconselha: “sofrer pela criatura amada – permita que lhe diga – não é um mal, é quase um bem” (p. 279).

A chave mais importante, nesta leitura da obra rodriguiana, é a percepção da sua matriz romântica, romantismo aqui entendido como uma crítica aos limites da razão e, por conseguinte, a todo o projeto da modernidade, que teria fracassado na produção de homens capazes de superar sua dimensão mais animal, egoísta e canalha. Creio que esta é uma contribuição definitiva do livro de Adriana Facina, por permitir um entendimento da obra de Nelson Rodrigues em toda a sua complexidade, fugindo da dicotomia gênio ou tarado.

A título de crítica, senti falta de um comentário mais aprofundado sobre a questão racial – presente, é verdade, na análise da peça *Anjo Negro* e na leitura da produção de Nelson acerca do futebol, sobretudo sobre a seleção brasileira. É que Nelson, em várias peças, remete à dimensão inconsciente do preconceito racial, presente na idéia dos “crioulos”, do negro animalizado e viril, visto como irracional e ameaçador. Mas isto é menos uma crítica do que um pedido de leitor...